



Precisamos falar sobre o outro. O outro em mim, o outro na cidade, o outro que mora ao lado e tantos outros

We need to talk about the other. The other in myself, the other in the city, the other that lives next door and many others.

Ricardo Luis Silva*

*Arquiteto formado pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre e doutorando pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, professor na área de Teoria e Estética da Metrópole no Centro Universitário Senac. Pesquisador nas áreas da subjetividade e inutilidade na Arquitetura e Cidade, Psicogeografia e Representação.

Resumo

A vida humana tornou-se eminentemente urbana nesse início de século XXI, onde as relações e constituições dos sujeitos se dão e se formam no espaço público das cidades, onde, mesmo que muitos tentem eliminar essa evidência, é inevitável o cruzamento, o choque, o encontro com outros seres urbanos. Esses choques, cada vez mais intensos na vida contemporânea, colocam o sujeito em desconforto, incômodo, sofrimento. Para minimizar, ou pelo menos anestesiá-lo, o sofrimento, desejamos e desenhamos uma cidade que distancia, silencia, individualiza. Este texto, com características de um ensaio crítico, traz apontamentos para uma necessária reflexão sobre a presença desse outro na cidade e provoca a um outro modo de encarar, olhar essa presença. Provocações auxiliadas pela conceituação de Unheimlich de Freud, do Outro de Lacan, das leituras argutas de Cesarotto e Kehl e de uma possível representação na Arte das questões levantadas, com o filme *El hombre de al lado*. Considerações para uma reflexão sobre (o) viver na Cidade contemporânea.

Palavras-chave: Alteridade Urbana. Sofrimento contemporâneo. *El hombre de al lado*.

Abstract

Human life has become predominantly urban in the beginning of XXI century, where relationships and constitutions of the subjects are given and formed in the public space of cities where, even though many try to eliminate this evidence, the crossing, the shock, the meeting with other urban beings is unavoidable. These shocks, increasingly intense in contemporary life, place the subject in distress, discomfort, suffering. To minimize, or at least anesthetize, suffering, we desire and design a city that detaches, silences, individualizes. This text, with characteristics of a critical essay, brings notes for a necessary reflection on the presence of this other in the city and leads to another way to face, to look at this presence. Nettles helped by conceptualizing Freud's Unheimlich, the Lacan's Other, Cesarotto's and Kehl's shrewd readings and a possible representation in art of the issues raised, with the film *El hombre de al lado*. Considerations for a reflection on living in the contemporary city.

Keywords: Urban Otherness. Contemporary suffering. *El hombre de al lado*.

1.

Se a casa é o espaço do indivíduo, do próprio, do eu. Se a casa é onde reside e habita o corpo, o eu. Se a casa é onde domino, controlo, governo soberano. Se a casa é onde encontro o meu semelhante, meu familiar, meu próximo, meu. Se a casa é o território doméstico, privado, íntimo, dentro. O que é a rua? Fora?

Fora.

Fora do eu.

Fora do eu está o Outro. Fora de casa está a rua.

A rua é do Outro.

A Cidade é do Outro.

A Cidade é o espaço do Outro; o corpo do Outro; o poder do Outro; o medo do Outro; a presença do Outro; a ausência do Outro; o tempo do Outro; o lugar do Outro; o conflito do Outro; o cheiro do Outro; o prazer do Outro; a certeza do Outro; a diferença do Outro; o desejo do Outro; o estranhamento do Outro; a experi-

ência do Outro; o caos do Outro; a ordem do Outro; o olhar do Outro; o controle do Outro; a interpretação do Outro; a verdade do Outro; o som do Outro; a condição do Outro; o caminho do Outro; a tentação do Outro; o desprezo do Outro; o mapa do Outro; o amor do Outro; o velado do Outro; o explícito do Outro; o movimento do Outro; a possibilidade do Outro; o encontro do Outro; a aceitação do Outro; o contato do Outro; a incorporação do Outro; a apropriação do Outro.

A Cidade é o Outro.

Ler a Cidade é entender o que é essa “outra” entidade, o Outro.

2.

Como pré-história, faço uma ressalva conceitual com relação a grafia do termo “outro”. Para a

psicanálise lacaniana, escrever “Outro” com o ‘O’ maiúsculo indica o conceito do “grande Outro”, que, nas palavras de Antônio Quinet,

O grande Outro como discurso do inconsciente é um lugar. É o alhures onde o sujeito é mais pensado do que efetivamente pensa. É a alteridade do eu consciente. É o palco que, ao dormir, se ilumina para receber os personagens e as cenas dos sonhos. É de onde vêm as determinações simbólicas da história do sujeito. É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido. (QUINET, 2012, p. 21)

E, longe de ser um assunto desinteressante, essa não é a descrição e significado que busco quando assumo o termo “Outro” grafado em maiúsculo. As questões colocadas e refletidas aqui nesse texto se aproximam muito do que pretendia Lacan com o “pequeno outro”. Quando nomeio esse meu “Outro” dessa forma, não me refiro a um lugar psíquico, mas sim a uma corporalidade que vive além do eu. Mas, mesmo assim, escrevo o “Outro” dessa forma; simplesmente para construir um efeito estético no texto, dando ao “Outro” ares de personagem indispensável e respeitado.

Por isso vamos apresenta-lo a seguir. Não como uma descoberta original, mas como uma construção e retorno do que já foi dito.

Se procurarmos no dicionário etimológico de Antônio Geraldo da Cunha, na página 467, encontraremos o seguinte:

“**Outro** adj. pron. ‘diverso do primeiro, o próximo’ XIII. Do lat. *alter altera alterum*”, o que prontamente nos coloca o Outro como uma divergência do primeiro, ou melhor, do eu. O que de antemão introduz e solicita uma outra apresentação: o que/quem é eu?

No mesmo dicionário etimológico, página 275, encontramos:

“**Eu** pron. XIII. Do lat. *ego*, através de uma forma vulgar **eo*.”

Deveríamos voltar à psicanálise para então definirmos o eu, o ego? A resposta científica seria sim, deveríamos. Acontece que enveredar pelas possíveis definições, aprofundamentos, nuances que Freud e seus leitores construíram para explicar o ego, colocaria esse texto certamente em outro tipo de encontro ou congresso. Além disso, respeito profundamente essa área do conhecimento, a psicanálise, para me aventurar sem parcimônia, acreditando ilusoriamente que trato dos termos com destreza e coerência necessárias e exigidas por ela; elementos que, confesso, não domino.

Por isso, farei aqui uso de algumas leituras que tratam e elucidam o tema do eu e do Outro na psicanálise, mantendo-me nas camadas, certa-

mente superficiais, que forem suficientes para a argumentação desejada e contributiva ao texto.

Feitas as devidas ressalvas, vamos então ao encontro. Encontro do eu e do Outro, ou até mesmo, do eu no Outro.

Para a psicanálise de Freud e Lacan, grande parte do que se entende quanto aos elementos da constituição do sujeito, do eu, passa-se pela reflexão e “participação” do Outro. Uma entidade que, por vezes, é real, é outro ser humano, e outras vezes são as próprias questões psíquicas envolvidas na existência do anterior.

Quinet, ao elaborar reflexões acerca da presença do Outro na obra de Lacan, coloca um sujeito, o eu, a indagar “Quem é você, que está diante de mim, que é meu semelhante, ser humano como eu (...) feito à minha imagem e semelhança, feito de uma corporalidade que me faz crer até que somos irmãos?” (QUINET, 2012, p. 08).

Esse eu constitui-se como indivíduo acreditando que suas características são únicas e o identificam, lhe pertencem. O que faz daquele eu um sujeito, é somente dele, é particular; o particulariza, individualiza. No momento que se apresenta uma figura, que é semelhante ao eu, que também é um eu, mas que não é parte do eu, cria-se a dúvida. Quem é esse que tem características físicas semelhantes às minhas, mas que não sou eu?

O poeta francês Arthur Rimbaud (1854-1891) responde a essa pergunta: “Je est un autre” [Eu é um outro]. Afinal, este que está na frente do eu nada mais é que um outro eu. Ou como equaciona Quinet “Esse outro, se é alter, é alter ego, nada mais do que meu ego alter-ado” (QUINET, 2012, p. 18). O Outro tem as minhas características humanas, mas que se apresentam fora de mim. O que indica que seria impossível compreender a existência do eu sem considerarmos a igualmente existência do Outro. E porque não, pensando nesse texto, estabelecemos que um eu nunca vem sozinho, ele está sempre acompanhado do Outro.

E, assim como o eu não vem sozinho, ele também não vem inteiro. Sua constituição inicial não é inteira, não é unitária. O corpo do eu é compreendido e assimilado aos pedaços, aos poucos, aos retalhos que com a experiência vão se aproximando; mas o eu não tem ainda a capacidade de unificar e sobrepôr sobre si todos esses fragmentos de eu. É preciso alguma ajuda externa, é preciso estar perante um Outro. É observando o Outro, que é semelhante, que o eu completa as lacunas de sua constituição corporal. Lacan intitula essa fase de constituição do sujeito, que é corporal, como “estádio do espelho”, onde o eu observa esse Outro corpo, descolado de si, agora em imagem refletida, e que apresenta uma unidade, uma totalidade. Ao olhar a imagem desse Outro, que sou eu, refletida no espelho, tenho um momento de insight configurador. Através da percepção visual de um corpo inteiro, tenho a

capacidade de retornar ao meu próprio corpo retalhado pelas pulsões parciais da vida, e projetar uma imagem completa de mim mesmo. E essa projeção se dá no mundo, como uma inscrição e consciência de que o eu pode sim ser uma totalidade, um sujeito. Ou como Quinet anuncia “uma jubilação que corresponde à satisfação narcísica de saber-se um corpo” (QUINET, 2012, p. 13).

Mas a relação corporal com essa satisfação não se encerra aí; junto com a jubilação vem o conflito inerente à existência do Outro.

Numa primeira e definitiva identificação consigo mesmo, o sujeito humano se aliena de si quando mais esperava se integrar. O espelho, parâmetro de exterioridade, oferece-lhe a chance de se enxergar inteiro, mas ao preço de se ver como um outro. Nesta relação com o semelhante, a figura que se reflete aparece invertida, coincidindo o lado direito com o esquerdo, e vice-versa. Essa assimetria é o elemento que impõe a diferença no registro do idêntico, forçando a alteridade. Por este viés, aquilo que seria o mais conhecido e familiar, a própria imagem, vira estranho, sinistro, então aludiria ao que excede à dimensão do narcisismo, ficando fora da alçada do Eu, incontrolável. (CESAROTTO, 1987, p. 121)

E essa diferença é acentuada e concretizada no momento em que o eu compreende que, além da imagem do eu refletido, existe também um outro eu, concreto e semelhante, que é também incontrolável.

Por um lado, a relação visual implica, de fato, numa parceria, com alguém agindo como suporte do olhar. Ainda que essa alteridade seja o próprio sujeito, duplicado pela mediação do espelho. Digamos, ademais, que ninguém nunca se encontra sozinho, pois, mesmo isolado, sua visibilidade o deixa sempre prestes a ser capturado por um outro olho. (CESAROTTO, 1987, p. 140)

A visibilidade poderia ser substituída nesse texto pela possibilidade do corpo habitar o espaço, escrever o espaço que ocupa. E esse escrever, de modo geral, “(..) implica numa entrega metafórica ao Outro, aval do sentido. Escrever sobre si, então, é oferecer-se como objeto, colocar-se à disposição e alienar-se na dimensão do texto”. (CESAROTTO, 1987, p. 92)

Colocar-se à disposição faz com que o eu se entregue às possibilidades de intervenção e questionamento vindos de fora, vindos do Outro. Nesse momento, o eu entrega seu corpo para algo que não controla, não domina, não conhece. Entrega que gera um conflito, um estado contraditório entre a construção/consolidação e a destruição/eliminação do sujeito eu. Um estado contraditório que Freud chamou sabiamente, linguística e psicanaliticamente, de *unheimlich*. Estado em que o eu se coloca disponível à atuação sobre si a alguém, ou alguma coisa, desconhecido, novo, mas semelhante, próximo.

Termo alemão consagrado nos dicionários de psicanálise, *unheimlich* pode ser traduzido como algo “estranhamente familiar”, mas não pode ser resumido a essa explicação.

Não pretendo dar continuidade e aprofundamento ao assunto, pois seria já entrar num campo excessivamente “psicologês” da relação do eu com o mundo, do eu com/no Outro. Mas para não interromper a caminhada, e como forma de respeito ao pensamento freudiano, me detive a apenas colecionar algumas citações, onde Freud, em 1919, apresentou suas questões acerca dessa relação humana e psíquica com o *unheimlich*; trechos de um texto de Freud sobre o psiquismo infantil, onde consigo aproximar essa discussão já realizada acima.

Essa minha aproximação ao conceito visa alimentar a potência da presença do Outro na constituição e relação do eu com o mundo, e no nosso caso, com a Cidade: o Outro como *unheimlich* dentro da equação “eu x Cidade”, o Outro como um catalisador de conflitos entre as duas entidades.

3.

Vamos à pequena coleção:

O tema *unheimlich* (...) relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador – com o que provoca medo e horror; certamente, também a palavra nem sempre é usada num sentido cla-

ramente definível, de modo que tende a coincidir com aquilo que desperta o medo em geral. (FREUD, 1996, p. 233)

Podemos reunir todas aquelas propriedades de pessoas, coisas, impressões sensoriais, experiências e situações que despertam em nós o sentimento de estranheza, e inferir, então, a natureza desconhecida do *unheimlich* a partir de tudo o que esses exemplos têm em comum. (FREUD, 1996, p. 234)

(...) o resultado: o *unheimlich* é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar. Como isso é possível, em que circunstâncias o familiar pode tornar-se *unheimlich* e assustador, é o que mostrarei no que se segue. (FREUD, 1996, p. 234)

A palavra alemã *unheimlich* é obviamente o oposto de *heimlich* (doméstica), *heimisch* (nativo) – o oposto do que é familiar; e somos tentados a concluir que aquilo que é *unheimlich* é assustador precisamente porque não é conhecido e familiar. Naturalmente, contudo, nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e *unheimlich*; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torna-lo *unheimlich*. (FREUD, 1996, p. 235)

Ele [Jentsch] atribui o fator essencial na origem do sentimento de estranheza à incerteza intelectual; de maneira que o *unheimlich* seria sempre algo que não se sabe como abordar. Quanto mais orientada a pessoa está, no seu ambiente, menos prontamente terá a impressão de algo *unheimlich* em relação aos objetos e eventos nesse ambiente. Não é difícil verificar que essa definição está incompleta e, portanto, tentaremos operar para além da equação *unheimlich* = não familiar. (FREUD, 1996, p. 235)

Freud, para estabelecer uma profunda relação com a cientificidade, recorre à linguística nos possíveis significados de *unheimlich*, via *heimlich*, no dicionário alemão *Wortebuch der Deutschen Sprache* (1860) de Daniel Sanders. Lá encontra definições para *heimlich*: “Pertencente à casa, não estranho, familiar, doméstico, íntimo, amistoso etc.”; “Animais domesticados, cordeiros, cordatos”; “Amigavelmente confortável, sensação de repouso agradável, segurança”. Mas também encontra “Escondido, oculto da vista, sonegado aos outros”

O que mais nos interessa [analisando as definições do dicionário] é descobrir que entre os diferentes matizes de significado a palavra *heimlich* exibe um que é idêntico ao seu oposto, *unheimlich*. Assim, o que é *heimlich* vem a ser *unheimlich*. (...) somos lembrados de que a palavra *heimlich* não deixa de ser ambígua, mas pertence a dois conjuntos de ideias que, sem

serem contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista. *Unheimlich* é habitualmente usado, conforme aprendemos, apenas como o contrário do primeiro significado [não familiar, desconhecido] de *heimlich*, e não do segundo [revelado, visto, conhecido]. (FREUD, 1996, p. 239)

Em primeiro lugar, se a teoria psicanalítica está certa ao sustentar que todo afeto pertencente a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido, em ansiedade, então, entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que retorna. Essa categoria de coisas assustadoras constituiria então o *unheimlich*. (FREUD, 1996, p. 255)

(...) pode-se compreender porque o uso linguístico estendeu das *Heimlich* para seu oposto, das *Unheimlich*; pois esse *unheimlich* não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de repressão. (FREUD, 1996, p. 256)

Pode ser verdade que o *unheimlich* seja algo que é estranhamente familiar, que foi submetido à repressão e depois voltou, (...) mas nem

tudo o que evoca desejos reprimidos e modos superados de pensamento, que pertencem à pré-história do indivíduo e da raça, é por causa disso *unheimlich*. (FREUD, 1996, p. 260)

Finalizaria minha pequena coleção de citações com uma frase síntese, citada por Freud, do filósofo idealista alemão Friedrich Schelling (1775-1854) “*Unheimlich* é o nome de tudo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz”.

Por isso, assumirei essa revelação, iluminação do *unheimlich* como sendo a presença desconfortável, ameaçadora, reprimida, distanciada, evitada desse Outro que é desconhecido e, ao mesmo tempo, tão familiar e semelhante ao eu.

O medo, a ansiedade, a insegurança gerada no eu por conta da presença do Outro, da iluminação do *unheimlich*, coloca o corpo do eu em estado de alerta, incômodo, insatisfação.

A silhueta do Outro ganha contornos sinistros. Necessária nos primórdios da constituição do Eu, com ele se enfrenta, mais tarde, numa disputa imaginária pelo espaço a ser ocupado. Dois pretendem um lugar que é único, o que determina a eliminação de um deles, numa dialética fatal. (CESAROTTO, 1987, p. 128)

Experiência várias vezes retratada na literatura (fonte de analogia e interpretação para Freud em alguns momentos), o conflito, muitas vezes fatal,

entre o eu e o Outro aproveita o espaço ficcional do texto fantástico para transformar, potencializando, a semelhança do estranho com o protagonista em uma duplicação perfeita, tornando a coexistência de ambos simbolicamente inviável. O Outro, estranho e desconhecido, se converte em um duplo idêntico do eu. Por exemplo, o estudante boêmio e jogador William Wilson de Edgar Allan Poe, no conto homônimo (2003), ou o solitário professor de História Tertuliano Máximo Afonso de José Saramago, no livro *O homem duplicado* (2002), ou ainda em diversos contos de E. T. A. Hoffmann, “elixires do diabo”, “mulher da máscara” e “o duplo”.

Subjacente, encontra-se a articulação dialética que Hegel formularia, o vínculo que acorrenta o escravo ao senhor. Esta oposição, cerne da intersubjetividade, determina que o reconhecimento – ou seja, o laço social que se estabelece entre ambos – se resolva por meio de uma luta de morte. (...) na tensão entre a autonomia e o servilismo, o escravo se depara com duas alternativas: ou abdica da sua liberdade, conservando sua vida mas subordinado ao amo, ou se arrisca numa briga definitiva que, eventualmente, o faria superar sua condição passiva, se conseguisse se impor ao seu dono. (CESAROTTO, 1987, p. 151)

Ou como anuncia o mesmo Hoffmann, na voz de sua personagem Clara, no conto *O Homem de Areia*: “É o fantasma de nosso próprio Eu, cuja

estreita afinidade com nosso íntimo, e profunda influência que exerce sobre o mesmo, nos lança ao inferno ou nos transporta aos céus”. (HOFFMANN, 1987, p. 29)

Uma dialética que atinge e questiona a continuidade da existência do eu, no momento em que o Outro se apresenta, faz sombra, real ou anunciada. “Aqui também o Outro, o ainda vindouro, cuja ampla sombra será o orbe inteiro”. (BORGES, 2010, p. 15, poema César)

4.

Como representação alegórica dessa relação conflituosa e vital entre o eu e a presença, ou aparecimento, do Outro, temos um exemplo retratado sensivelmente no filme *El hombre* de al lado, de Mariano Cohn e Gastón Duprat, produzido na Argentina em 2009.

O filme, com roteiro original de Andrés Duprat, compõe uma narrativa sobre a relação estabelecida entre o designer Leonardo Kachnovsky e seu vizinho Victor Chubello, um vendedor de carros usados.

O elo que aproxima esses dois homens, até então completamente desconhecidos e alheios da existência um do outro, é a execução, ilegal e mambembe, de uma janela na medianeira das casas contíguas das personagens, obra iniciada por Victor com o intuito de angariar um pouco de sol que lhe falta. Esse processo inicia um conflito

real perante a invasão de privacidade, argumentada por Leonardo.

Uma outra personagem do filme, que faz as vezes de cenário para o conflito, é a casa onde Leonardo mora com a família – a mulher Ana, a filha Lola e a empregada Elba. A casa projetada por Le Corbusier, em 1948, para o Dr. Pedro Domingo Curutchet, cirurgião médico, na cidade de La Plata, Argentina.

A casa é personagem pois, além de auxiliar na caracterização e constituição do sujeito Leonardo, é explorada arquitetonicamente nos enquadramentos e tomadas das cenas pelos cineastas.

O filme todo poderia ser visto e condicionado ao desenvolvimento dramático do conflito real entre as duas personagens por causa da janela entre as casas. Mas prefiro remover esse véu superficial e investigar o objeto audiovisual como suporte de reflexões, buscando representações do conflito anunciado anteriormente, entre o eu e o Outro.

Leonardo é designer premiado em Bienais europeias, poliglota, de família de imigrantes europeus, professor universitário convidado, colecionador de arte contemporânea, apreciador de música conceitual, prepotente e elitista, se cerca de objetos referenciais de “design” – típicos da sociedade do espetáculo e do consumo. Além disso, consegue dominar e controlar no subterrâneo da família, uma relação esvaziada com a

mulher e a filha, com quem não consegue aproximação afetiva paternal ou até de respeito. Chamaremos Leonardo, para facilitar as construções alegóricas, de “eu”.

Victor é vendedor de carros usados, vive num apartamento de fundos de lote com seu tio deficiente mental, é machista e inconveniente, se apropria dos objetos vulgares produzidos em massa, produz esculturas com restos de armas e balas, é um típico nativo argentino de classe média-baixa que assume uma vida ordinária e cotidiana. Victor será considerado aqui o “Outro”.

O conflito que quero assumir deste filme é justamente o existencial do eu perante o Outro. O conflito do íntimo com o desconhecido, mas familiar; pois todos sabemos da existência de nossos vizinhos, mesmo não os conhecendo.

O conflito do eu e do Outro, sim iniciado pela abertura da janela clandestina, mas não o declarado pelo eu. A abertura da janela, retratada sensivelmente como um ato de nascimento, traz à luz a existência e presença do Outro na vida do eu. Ato, inclusive, feito à força bruta, à marretadas sonoras.

Essa presença, inserida à força, gera um incômodo e insegurança diante da possibilidade desse Outro desestabilizar a individualidade controlada do eu. Individualidade que é construída superficialmente sobre o corpo do eu, baseada em relações pequenas, vazias e superficiais. O eu, nesse

caso, é constituído por fragilidades subjetivas. E tais fragilidades são exploradas, estressadas e explicitadas a todo instante que se dá a presença, mesmo não física, do Outro.

A cada novo embate com o Outro, na tentativa de estabilizar sua constituição e também sua vida familiar, a fina casca que anteriormente protegia o eu vai falindo, se anulando. A presença do Outro opera, aciona, revela a “real” constituição subjetiva do eu, o que deveria ter permanecido secreto e oculto, acaba vindo à tona.

Quando o incômodo da presença do Outro se torna insuportável e a revelação da constituição subjetiva submersa fica claramente irremediável, surge no eu o desejo de eliminar concretamente o Outro, ora como mero desejo reprimido, ora como poder real causado por circunstâncias extraordinárias da trama; nesse caso, Victor é baleado por um assaltante dentro da casa de Leonardo, enquanto aquele tenta defender a casa e a família do vizinho. Com um ato covarde, mas estruturado na esperança de retornar ao estado constitutivo inicial, Leonardo não aciona o atendimento emergencial da polícia e assiste Victor morrer.

Na cena final do filme, com a eliminação concreta e desejada do Outro, para alívio do eu e reestabelecimento daquela constituição frágil e superficial do início, ocorre o fechamento da janela, num gesto simbólico do sepultamento do Outro e o retorno à escuridão plena perante a impossibili-

dade e negação da interação real com o Outro. Ato justificado pela própria psicanálise

Esse outro intruso, que se manifesta como semelhante, é experimentado e percebido como aquele que invade o que é meu e rivaliza comigo. (...) O eu e o outro se confundem, eu projeto no outro conteúdos, intenções e até pensamentos meus; eu me vejo nesse outro no qual identifico traços meus, eu o vejo como meu ideal, que tanto admiro – como eu gostaria de ser igual a ele! Ou o vejo como meu rival e quero que morra! (QUINET, 2012, p. 09)



Figura 1. Exploração da alteridade urbana nos registros fotográficos com camadas do tempo. Peter Funch, “*Informing Informers*” da série *Babel Tales*, 2006. Disponível em: <http://peterfunch.com/works/babeltales/>.

5.

Terminaria esta compreensão das consequências da presença do Outro, sem encerrar e determinar o assunto, mas com uma postura, uma questão,

que se torna provocação, e que, consequentemente, direciona para uma proposta, um desejo.

A alteridade.

Não qualquer, mas uma em especial que cabe a este trabalho discutir: a alteridade na Cidade (Figura 1).

Pois, como explicita Maria Rita Kehl,

Viver junto é viver nas cidades. Não é viver em família, nem entre amigos. Viver junto não é problema da vida privada, mas da vida pública. Só a vida urbana nos obriga a conviver com uma multidão de desconhecidos; estamos permanentemente na dependência do contato com pessoas que não escolhemos. (KEHL, 2015, p. 22)

Esse contato necessário, do eu com o Outro, como já foi colocado anteriormente, não pode ser harmônico. Ele gera, necessariamente, um conflito, uma solicitação ao embate. Alguns recorrem ao embate pacífico, via amor ao próximo. Já outros recorrem ao embate constitutivo, ao choque.

O imperativo do amor cristão não resolve o problema da relação com o outro. (...) Não posso ser obrigada a amar meu semelhante para conviver com ele. A alternativa civilizada seria uma indiferença respeitosa. Talvez o único modo de suportar o excesso de contato com o outro. Mas a indiferença não pode ser completa.

O preço de conviver com o desconhecido não pode ser o desconhecimento de sua existência. O outro é, bem ou mal, um semelhante. (KEHL, 2015, p. 22)

E como esse choque constitutivo se apresenta cada vez mais titânico, justamente pela histórica fuga e abdicação do mesmo choque, realizado pela sociedade ocidental do consumo e do espetáculo, unidimensional e individualista,

Aí reside seu valor, seu poder perturbador e também seu caráter problemático. Seu gozo é irmão do meu, embora ele [o Outro] não seja meu irmão. O que eu temo, na proximidade com o semelhante, é o mesmo que temo em mim. Por isso procuro não me reconhecer nele, para não reconhecer o mal em mim. Freud batizou essa intolerância de “narcisismo das pequenas diferenças”. É por não querer me identificar com meu semelhante, naquilo que ele mais se parece comigo, que eu o discrimino. (KEHL, 2015, p. 22)

Mas a proposta desse texto é, justamente, estabelecer uma forma de estarmos na Cidade, uma forma mais real e corporal, constituir esse corpo para absorver o choque conflituoso com o Outro, fazer desse encontro, apesar do sofrimento, uma possibilidade de viver na Cidade. Uma possibilidade que “nos faz ver os outros de frente, de perto – às vezes, olho no olho. O que pode parecer clichê é, na verdade, condição de convívio:

é necessário olhar nos olhos dos outros”. (KEHL, 2015, p. 23)

Olhar nos olhos dos outros é Alteridade. Olhar nos olhos dos outros enquanto vivemos na Cidade é Alteridade Urbana.

Referências bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. **Atlas**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

CESAROTTO, Oscar. No olho do outro. In: HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus. **Contos Sinistros**. São Paulo: Editora Max Limonad, 1987, p. 78-160.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4.ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

EL HOMBRE DE AL LADO. Direção: Mariano Cohn & Gastón Duprat. Produção: Fernando Sokolowicz. Argentina: Aleph Media S/A, 2009.

FREUD, Sigmund. O estranho, 1919. In: _____. **História de uma neurose infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 233-270. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus. **Contos Sinistros**. São Paulo: Editora Max Limonad, 1987. QUINET, Antônio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KEHL, Maria Rita. **Olhar no olho do outro**. PISE-AGRAMA, Belo Horizonte, v. 01, n. 07, p. 22-31, jan. 2015. SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

POE, Edgar Allan. **A carta roubada e outras histórias de crime e mistério**. Porto Alegre: L&PM, 2003. ■